

13 de novembro de 1957

Seminário da quarta-feira de 13 de novembro de 1957

Retomemos nossa exposição no ponto em que a havíamos deixado na vez anterior, isto é, no momento em que Hirsch Hyacinthe, falando ao autor de *Reisebilder* que ele encontrou no balneário de Lucca, lhe diz: *Tão verdadeiro como Deus deve me dar tudo o que há de bom é o fato de que eu estava sentado totalmente como um igual, totalmente familiarmente*

Eis, portanto, do que partimos, da palavra *familiar* que, em suma, tem tido sua boa sorte. Ela é conhecida como o ponto de partida que Freud tomou.

É, pois, por aí que reiniciamos, e é ali que vou desde já procurar lhes mostrar a maneira como Freud aborda o *dito espirituoso*. A análise é importante para nosso propósito.

Com efeito, a importância desse ponto exemplar é a de nos manifestar - já que, pobre de mim, isso é necessário, de modo não duvidoso - a importância do significante no que podemos chamar com ele os mecanismos do inconsciente.

Evidentemente é muito surpreendente ver já que o conjunto dos que não são preparados especialmente pela sua disciplina - refiro-me aos neurologistas - à medida em que se defrontam com o tema delicado da afasia, isto é, do *défiat* da palavra, fazem, a cada dia, progressos substanciais no tocante ao que se pode chamar de sua formação lingüística, mas que os psicanalistas, cuja arte e técnica se baseiam no uso da palavra, até o presente momento não levaram isso em consideração, ao passo que o que Freud mostra não é apenas uma espécie de referência humanista manifestando sua cultura ou suas leituras no tocante ao que pertence ao domínio da filologia, mas uma referência absolutamente interna, orgânica.

Já que espero que vocês tenham, desde a última vez, pelo menos a maior parte de vocês, entreaberto *Le Mot d'Esprit et l'Inconscient* [A Palavra Espirituosa e o Inconsciente], vocês podem perceber que sua referência à técnica da *palavra espirituosa* considerada como técnica de linguagem é, muito precisamente, aquilo ao redor de que gira sempre sua argumentação, e que se o que surge de sentido, de significação na *palavra espirituosa* é alguma coisa que parece merecer ser aproximado do inconsciente, só é; - martelarei que tudo o que tenho a dizer sobre o *dito espirituoso* aí se relaciona - fundado sobre sua própria função mesma de prazer que gira e volta sempre e unicamente em razão das analogias de estrutura que só se concebem no plano lingüístico, analogias de estrutura entre o que ocorre na *palavra espirituosa* - dizemos do lado técnico da palavra espirituosa, digamos do lado verbal da *palavra espirituosa* - e o que ocorre sob uns nomes diversos, que Freud descobriu, uns momentos sob os nomes diversos, que é o mecanismo próprio do inconsciente, a saber, os tais mecanismos como condensação, deslocamento. Limito-me a esses dois para hoje.

Eis, pois, onde nos encontramos: Hirsch Hyacinthe, falando a Heinrich Heine, ou Hirsch Hyacinthe, ficção de Heinrich Heine, conta o que lhe aconteceu. Alguma coisa se produziu no início, para nos limitarmos apenas a esse segmento que acabo de isolar, alguma coisa de muito nítida, elevando, de algum modo, para colocá-lo em relevo, exaltá-lo, o que vai vir, essa invocação à testemunha universal e às relações pessoais do sujeito com essa testemunha, isto é, Deus: *Tão verdadeiro quanto Deus me deve todos os bens*, o que é algo, incontestavelmente, ao mesmo tempo significativo pelo seu sentido e irônico pelo o que a realidade pode aí revelar de imperfeito. Mas a partir daí a enunciação se faz: *eu estava sentado ao lado de Salomão Rothschild, totalmente como um igual*. Eis o surgimento do objeto: este *totalmente* traz em si alguma coisa que é bastante significativa. Cada vez que invocamos o

13 de novembro de 1957

totalmente, a totalidade, é que não estamos completamente certos de que essa totalidade seja verdadeiramente fechada, e, com efeito, isso ocorre em muitos níveis, e eu diria mesmo em todos os níveis do uso dessa noção de totalidade.

Aqui, com efeito, ele recomeça sobre esse *exatamente* e ele diz: *exatamente*.. e aí se produz o fenômeno, a coisa inesperada, o escândalo da enunciação, a saber, essa mensagem inédita, esse algo que nós mesmos ainda não sabemos o que é, que nós não podemos ainda nomear, e que é... *familiário*, alguma coisa que nós não sabemos se é um ato fracassado ou um ato bem sucedido, uma derrapagem ou uma criação poética. Vamos vê-lo. Pode ser tudo ao mesmo tempo, mas convém, precisamente, deter-se na formação, no mais estrito plano significante, do fenômeno do que vai a seguir ser retomado.

Vou dizê-lo a vocês, e já o anunciei na última vez: numa função significante que lhe é própria enquanto significante escapando do código, isto é, a tudo aquilo que até agora se acumulou como formações do significante nas suas funções de criação de significado, há lá alguma coisa de novo que aparece, que pode ser enodado ao próprio móbil do que se pode chamar o progresso da língua, sua mudança.

Convém, de início, determo-nos sobre esse algo na sua formação mesma, quero dizer, no ponto em que isso se situa em relação ao mecanismo formador do significante. Convém determo-nos nisso para poder mesmo, validamente, continuar no que vai se mostrar ser as seqüências do fenômeno, até seus acompanhamentos, até mesmo, ocasionalmente, suas fontes, seus pontos de atração. Mas o fenômeno essencial é esse nó, esse ponto onde aparece esse significante novo, paradoxal, esse *familiário* do qual Freud parte e ao qual ele volta incessantemente, no qual ele nos pede para parar, ao qual, vocês o verão, até o final de sua especulação sobre o *dito espiritual*, ele não perde a oportunidade de voltar como designando o fenômeno essencial, o fenômeno técnico que especifica a *palavra espiritual*, e que nos permite discernir o que é o fenômeno central, aquilo por meio de que ele nos ensina no plano que é nosso plano próprio, a saber, as relações com o inconsciente, e que nos permite também, na mesma oportunidade, projetar a luz de uma nova perspectiva sobre tudo o que o rodeia, sobre tudo o que o leva nisto que pode ser chamado de as *Tendenzen* - uma vez que é o termo *Tendenz* que é empregado nessa obra, desse fenômeno de irradiações diversas - ao cômico, ao riso, etc...; fenômenos que podem irradiar dele.

Detenhamo-nos, então, sobre *familiário*. Há várias maneiras de abordar esse termo. É a finalidade, não somente desse esquema, mas desse esquema assim como ele lhes é dado para lhes permitir inscrever os planos diferentes da elaboração significante, a palavra elaboração sendo escolhida aqui especialmente, sendo escolhida aqui expressamente, uma vez que Freud a menciona especialmente.

Detenhamo-nos sobre isso, e, para não os surpreender muito, comecemos por nos aperceber em que sentido isso se dirige. O que ocorre quando *familiário* aparece? Pode-se dizer que aí se indica alguma coisa que nós sentimos como uma intenção que vai em direção do sentido; alguma coisa tende a surgir dali que é alguma coisa de irônico, até de satírico, alguma coisa também que aparece menos, mas que se desenvolve, se podemos dizer, nos contragolpes do fenômeno, no que vai se propagar no mundo depois de lá. É uma espécie de surgimento de um objeto, ele, que vai mais para o cômico, para o absurdo, para o não-senso. É o *familiário* considerado como a derrisão do milionário, que tende a assumir a forma de figura, e pouco seria preciso para lhes indicar em que direção, com efeito, ele tende a se encarnar.

13 de novembro de 1957

Aliás, Freud nos assinala, de passagem, que num lugar qualquer Heinrich Heine, redobrando sua *palavra espirituosa*, também chamará o milionário de o *Millionard*, o que, em alemão, quer dizer o *milionário doído* [*fou-fou millionaire*], ou, como poderíamos traduzir, de outro modo, em francês, na continuação e na linha de substantivação do *familiário* de quem eu lhes falava ainda há pouco, o *fat-millionaire* [*fátuo/presunçoso-milionário*] com traço de união. Isso serve para lhes dizer que esta é a aproximação que faz com que nós não fiquemos inumanos.

Não convém ir muito mais adiante porque, para dizer a verdade, não é o momento, é justamente o tipo de passo que não deve ser precipitado, a saber, não entender muito depressa visto que quando se entende muito depressa, não se entende absolutamente nada. Isso ainda não explica, mesmo assim, o fenômeno que acaba de ocorrer na frente dele, isto é, como se relaciona ao que podemos denominar a economia geral da função de significante.

Agora, é preciso que eu insista bem para que vocês todos tomem conhecimento do que escrevi no que chamei de *A instância da letra no inconsciente*, a saber, os exemplos que dei, nesse texto, das duas funções que chamo de funções essenciais do significante, sob o ponto de vista de que elas são aquelas pelas quais, se podemos dizê-lo, a relha [*le sa*] do significante cava no real o que se chama o significado, literalmente o evoca, o faz surgir, o manipula, o engendra; quer dizer: as funções da metáfora e da metonímia.

Parece que, para alguns, é meu estilo, digamos, que barra a entrada desse artigo. Sinto muito. Primeiro, não posso fazer nada, meu estilo é como ele é. Peço-lhes que façam um esforço a este respeito, mas gostaria simplesmente de acrescentar que quaisquer que sejam as deficiências que possam intervir por minha causa, há também, apesar de tudo, nas dificuldades desse estilo, talvez consigam presentí-lo, alguma coisa que deve responder ao próprio objeto de que se trata.

Se se trata, com efeito, oportunamente, das funções criadoras que o significante exerce sobre o significado, de falar disso de uma maneira válida, a saber, não apenas simplesmente falar da palavra, mas falar no fio da palavra, por assim dizer, para evocar suas próprias funções, talvez a continuação de minha exposição deste ano lhes mostre que há necessidades internas de estilo, a concisão, por exemplo, a alusão, até mesmo a farpa que são talvez elementos essenciais absolutamente decisivos para entrar num campo por meio do qual elas comandam não só os acessos como toda a tessitura.

Voltaremos, pois, ao assunto, mais adiante, a propósito exatamente de um certo estilo que não hesitaremos mesmo em chamar pelo seu nome, por mais ambíguo que ele possa parecer, a saber, o maneirismo, e com o qual procurarei mostrar-lhes que ele tem por trás dele não somente uma grande tradição, mas uma função insubstituível.

Isto é apenas um parêntese para voltarmos ao meu texto. Nesse texto vocês verão que o que chamo, depois de outros - foi Roman Jakobson que a inventou - a função metafórica e metonímica da linguagem, estão ligadas a alguma coisa que se exprime muito simplesmente no registro do significante, as características do significante sendo aquelas, como já o enunciei várias vezes no decorrer dos anos precedentes, da existência de uma cadeia articulada e, acrescentava eu neste artigo, tendente a formar agrupamentos fechados, isto é, formados de uma série de anéis prendendo-se uns aos outros para formarem cadeias, as quais, por sua vez, se prendem em outras cadeias como se fossem anéis, o que é um pouco evocado também pela forma geral desse esquema, mas que não é diretamente apresentado.

13 de novembro de 1957

A existência dessas cadeias na sua dupla dimensão implica nisto: que as articulações ou ligações do significante comportam duas dimensões, a que se pode chamar de combinação, contigüidade, concatenação da cadeia, e a das possibilidades de substituição, sempre implicadas em cada elemento da cadeia.

Este segundo elemento, absolutamente essencial, é aquele que, na definição linear que Freud dava da relação do significante e do significado, é o que está omitido. Em outras palavras, em todo ato de linguagem a dimensão diacrônica é essencial, mas há uma sincronia implicada, evocada pela possibilidade permanente de substituição, inerente a cada um dos termos do significante. Em outras palavras, são as duas relações que eu vou lhes indicar:

$$\begin{array}{l} - \quad f(S \dots S') \ S \cong S (-) \ s \\ + \quad f(\underline{S}') \ S \cong S (+) \ s \\ \quad \quad \quad S \end{array}$$

uma dando o liame da combinação da ligação do significante, e a outra a imagem da relação de substituição sempre implícita em toda articulação significativa.

Não é necessário ter extraordinárias possibilidades de intuição para perceber que deve existir, pelo menos, alguma relação entre o que acabamos de ver se produzir e o que Freud esquematiza no tocante à formação do *familiário*, a saber, em duas linhas diferentes: *eu estava sentado.. etc.. de uma maneira totalmente familiar* e, abaixo, *milionário* Freud completa: o que isso pode querer dizer? Isso pode querer dizer que há alguma coisa que caiu, que foi eludida, isso quer dizer, na medida em que se possa permiti-lo ou que se possa realizá-lo ou consegui-lo, um milionário, alguma coisa caiu na articulação do sentido, alguma coisa permaneceu *o milionário* Alguma coisa se produziu que comprimiu, embutiu um no outro, *o familiar e o milionário* para produzir o *familiário*

Há, pois, aí, alguma coisa que é uma espécie de caso particular da função de substituição; caso particular do qual, de algum modo, ficam vestígios. A condensação, se quiserem, é uma forma particular do que pode se produzir ao nível da função de substituição. Seria bom que, desde já, vocês tenham em mente a longa exposição que fiz em torno de uma metáfora, aquela acerca do feixe de Booz:

Seu feixe não era avaro nem rancoroso Anexo i

mostrando como é o fato que seu feixe substitui o termo Booz, que constitui aí a metáfora, e que graças a essa metáfora, alguma coisa em torno da figura de Booz surge, que é um sentido, o sentido do advento de sua paternidade, com até mesmo tudo o que em volta pode irradiar e redundar do fato de que ele chega lá, porém, mas vocês bem se lembram, de uma maneira inverossímil, tardia, imprevista, providencial, divina, que é precisamente essa metáfora que está ali para mostrar esse advento de um novo sentido em torno do personagem de Booz que disso parecia excluído, proscrito, e é também essencialmente numa relação de substituição, essencialmente, que devemos ver a elasticidade criadora, a força criadora, a força de engendrar, é o caso de dizer, da metáfora.

Isso é uma função absolutamente geral, diria mesmo que é por aí, que é por essa possibilidade de substituição que se concebe a própria geração mesmo, por assim dizer, do mundo, do sentido, que toda a história da língua, a saber, as mudanças de função graças às quais uma língua se constitui, que é ali, e não em outro lugar que devemos apreendê-la; que

13 de novembro de 1957

se nunca houvesse a possibilidade para nós de dar uma espécie de modelo ou de exemplo do que é a gênese do aparecimento de uma língua nesse mundo inconstituído que o mundo poderia ser antes que se falasse, seria necessário supormos alguma coisa de irreduzível e de original que é, seguramente, o mínimo de cadeias significantes, mas um certo mínimo sobre o qual não insistirei hoje, embora fosse conveniente falar a respeito. Mas eu já lhes dei muitas indicações a esse respeito, sobre este certo mínimo, posto que é pela via da metáfora, a saber, do jogo da substituição de um significante por outro em determinado lugar, que se cria não somente a possibilidade de desenvolvimento do significante, mas a possibilidade de surgimento de sentidos sempre novos, tendendo sempre a ratificar, a complicar e a aprofundar, a dar seu sentido de profundidade ao que no real não é senão pura opacidade.

Eu os deixo à procura de um exemplo disso para ilustrar o assunto, o que se pode chamar, o que ocorre na evolução do sentido, e quanto, não obstante, nós, mais ou menos, encontramos nele esse mecanismo de substituição. Como costuma acontecer nesses casos, eu aguardo meus exemplos do acaso. Este exemplo não deixou de me ser fornecido por alguém das minhas relações mais próximas, por alguém que, atormentado por uma tradução, tivera de procurar no dicionário o sentido da palavra *atterré* [aterrado] e que havia ficado surpreso ao pensar que nunca havia entendido bem o sentido desta palavra *atterré* ao constatar que, contrariamente ao que essa pessoa acreditava, *atterré* não tem originariamente e em muitos de seus empregos, o sentido de *dominado pelo terror*, mas sim de *jogado por terra*. Em Bossuet¹, *atterrer* quer dizer literalmente *jogar por terra* e, em outros textos um pouco posteriores, vemos se precisar esta espécie de *peso do terror*. Quanto a nós, diríamos, incontestavelmente, que os puristas contaminam, desviam o sentido da palavra *atterré* [aterrado]. Mesmo assim os puristas, aqui, estão errados, não há nenhuma espécie de contaminação e mesmo se, de repente, após lhes ter lembrado este sentido etimológico da palavra *atterré* alguns de vocês podem manter a ilusão de que *atterré* não é evidentemente outra coisa senão *voltar-se para a terra*, *fazer tocar a terra*, *rebaixar até a terra*, em outras palavras, *consternar*; mesmo assim o uso corrente da palavra implica este segundo plano de terror.

O que quer dizer isso? Isso quer dizer que se partimos de alguma coisa que tem uma certa relação com o sentido originário por pura convenção, porque não há, em parte alguma, origem da palavra *atterré* mas que seja a palavra *abattu* [abatido] na medida em que evoca, com efeito, o que a palavra *atterré* nesse sentido pretensamente puro poderia evocar para nós, a palavra *atterré* que lhe é substituída, de início, como uma metáfora, uma metáfora que não parece ser uma porque partimos dessa hipótese que, originariamente, significam a mesma coisa: *jogar por terra* ou *contra a terra*, é isso que peço que vocês observem, não é por que *atterré* mude de algum modo o sentido de *abattu* que ele vai ser fecundo, gerador de um novo sentido, a saber, o que quer dizer alguém *atterré*. Com efeito, é um novo sentido, é uma nuance, não é a mesma coisa que *abattu* e, por mais que implique um terror não é tampouco *terrorisé* [aterrorizado], é alguma coisa nova.

Desta nova nuance de terror que isso introduz no sentido psicológico e já metafórico que a palavra *abattu* tem - porque psicologicamente nós não estamos nem *atterré* nem *abattu* - há alguma coisa que nós não podemos dizer enquanto não houver palavras, e essas palavras procedem de uma metáfora, a saber, o que ocorre quando uma árvore está sendo abatida, ou quando um lutador é abatido, jogado por terra [*atterré*], segunda metáfora.

¹ Em termos literários, Bousset, na França corresponderia, no Brasil, ao Pe. Antônio Vieira.

13 de novembro de 1957

Mas, observem que não é absolutamente porque originariamente é nisto que reside o interesse da coisa, que o *ter* que se encontra em *atterré* quer dizer terror que o terror é introduzido; em outras palavras, a metáfora não é uma injeção de sentido como se fosse possível, como se os sentidos estivessem em alguma parte, onde quer que seja, num reservatório. A palavra *atterré* não traz sentido enquanto tendo uma significação, mas enquanto significante, isto é, que tendo o fonema *ter* ele tem o mesmo fonema que está em *terror*. É pela via significante, é pela via do equívoco, é pela via da homonímia, isto é, da coisa mais sem sentido que seja que ele vem engendrar essa nuance de sentido, que ele vai introduzir, que ele vai injetar no sentido já metafórico de *abattu*, essa nuance de terror.

Em outras palavras, é na relação $S - S'$, isto é, de um significante para um significante, que vai se engendrar uma certa relação \underline{S} , isto é, significante sobre significado.

S

Mas a distinção dos dois é essencial, está na relação de significante a significante, em alguma coisa que liga o significante daqui ao significante que está lá, isto é, a alguma coisa que é a relação puramente significante, isto é, homonímica de *ter* e de *terror* que vai poder se exercer a ação que é o engendramento de significação, a saber, nuance pelo terror do que já existia como sentido numa base já metafórica.

Isto, pois, exemplifica o que ocorre ao nível da metáfora. Gostaria apenas de lhes indicar alguma coisa que vai lhes mostrar como isso vai ao encontro, por um início de vereda, de alguma coisa que vai ser muito interessante do ponto de vista do que vemos ocorrer no inconsciente.

Tudo, assim, ao nível de fenômenos de criação de sentido normal pela via substitutiva, pela via metafórica que preside à evolução e à criação da língua, mas, ao mesmo tempo, à criação e à evolução do sentido como tal, quero dizer, do sentido considerado não apenas como percebido, mas que o sujeito se inclui nele, isto é, na medida em que o sentido enriquece nossa vida.

Quero simplesmente salientar-lhes isto: eu já lhes indiquei que a função essencial de significante do 'gancho' *ter*; isto é, de qualquer coisa que precisemos considerar como puramente significante, é a reserva homonímica com a qual trabalha a metáfora, quer a vejamos ou não. Que mais ocorre? Não sei se vocês vão entender bem, imediatamente, mas vocês entenderão melhor quando virem o desenvolvimento. É apenas um início de uma via essencial. É que, em toda a medida em que se afirma ou se constitui a nuance de significação *atterré* essa nuance, observem bem, implica certa dominação e certo amansamento do terror. Aquele terror não é meramente nomeado, mas ele é, todavia, atenuado, e é o que permite conservar, aliás, para que vocês continuem a manter no seu espírito a ambigüidade da palavra *atterré*. Afinal, vocês pensam que *atterrer* tem, com efeito, relação com a terra, que o terror, nesse termo, não está completo, que o enfraquecimento, no sentido que é para vocês sem ambigüidade, conserva seu valor prevalecente, que é somente uma nuance, que, em resumo, o terror está numa penumbra nessa ocasião.

Em outras palavras, é bem na medida em que o terror não é encarado, é considerado pelo viés intermediário da depressão, que o que ocorre é completamente esquecido até o momento em que, já lhes lembrei, o modelo como tal fica totalmente fora do circuito. Dito de outra forma, em toda a medida em que a nuance *atterré* se estabeleceu no uso em que ela se tornou sentido e uso de sentido, o significante lhe é presentificado. Pronunciemos a palavra: o significante é, propriamente falando, recalcado. Em todos os casos, assim que se estabeleceu na sua nuance atual o uso da palavra *atterré* o modelo, salvo recurso ao

13 de novembro de 1957

dicionário, ao discurso culto, não está mais à sua disposição. A propósito da palavra *atterré* ela é como *terre, terra*, recalçada.

Eu me adianto agora um pouco demais porque é um modo de pensamento ao qual vocês ainda não estão muito acostumados, mas creio que isto nos evitará um regresso. Vocês vão ver até que ponto o que denomino de começo das coisas se acha confirmado pela análise dos fenômenos.

Voltemos ao nosso *familiário* ao ponto de junção, portanto, ou de condensação metafórica onde o vimos se formar, naquele nível, separar a coisa de seu contexto, a saber, do fato que é Hirsch Hyacinthe, isto é, o espírito de Heinrich Heine, que o gerou, iremos procurá-lo ulteriormente muito mais longe na sua gênese, nos antecedentes de Heinrich Heine, nas relações de Heinrich Heine com a família Rothschild. Seria até preciso reler toda a história da família Rothschild para ter certeza de não errar, mas ainda não chegamos lá.

Por ora, estamos em *familiário*. Vamos isolá-lo um instante. Estreitemos o máximo possível o campo de visão da câmara em torno desse *familiário*. Ele bem que poderia ter nascido em outro lugar que não fosse a imaginação de Heinrich Heine; talvez Heinrich Heine o tenha fabricado em outro momento que não aquele em que ele estava diante de seu papel branco e com a pena na mão; talvez tenha sido numa noite de uma de suas deambulações parisienses que evocaremos, que isso lhe veio como tal. Existem mesmo todas as possibilidades que tenha sido num momento de cansaço, de crepúsculo. Em suma, esse *familiário* poderia ser também um lapso, é mesmo perfeitamente concebível.

Já mencionei um lapso que havia recolhido, florescendo na boca de um de meus pacientes. Conheço outros, mas voltarei àquele porque é preciso sempre voltar para as mesmas coisas até que estejam bem gastas, e, depois, passa-se para outra coisa. É o paciente que, enquanto conta a sua história no meu divã, ou suas associações, evocava o tempo em que com sua mulher, que ele havia finalmente esposado perante o senhor prefeito, ele não vivia senão *maritabement, maritavelmente*.

Todos vocês já viram que isso pode se escrever *maritalmente*, o que quer dizer que a gente não está casado, e, subjacente, alguma coisa na qual se casa perfeitamente à situação de casados e dos não-casados, *miserablement, miseravelmente*. Isso dá *maritabement, maritavelmente*. Não é dito, é muito melhor do que dito. Vocês vêem até que ponto a mensagem ultrapassa não aquele a quem chamaria o mensageiro, pois é realmente o mensageiro dos deuses que fala pela boca desse inocente, mas ultrapassa o suporte da palavra; o contexto, como diria Freud, exclui totalmente que meu paciente tenha feito uma *palavra espirituosa* e, com efeito, vocês não o conheceriam se, nessa oportunidade, eu não houvesse sido o Outro com um O maiúsculo, isto é, o ouvinte, e o ouvinte não somente atento, mas o ouvinte ouvindo, no verdadeiro sentido do termo. Mesmo assim, colocado no seu lugar, justamente no Outro, é uma *palavra espirituosa* particularmente sensacional e brilhante.

Desta aproximação entre o *dito espirituoso* e o lapso Freud dá inúmeros exemplos em *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, e, oportunamente, ele próprio a resalta, e, justamente mostra que se trata de algo que é tão vizinho da *palavra espirituosa* que ele próprio é forçado a dizer, e somos forçados a acreditar na palavra dele, que o contexto exclui que o ou a paciente haja feito esta criação com o propósito da *palavra espirituosa*.

Em algum lugar de *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* Freud dá o exemplo dessa mulher que, falando da situação recíproca dos homens e das mulheres, diz: *para que uma mulher interesse*

13 de novembro de 1957

acs homens é preciso que ela seja bonita - o que não é dado a todo mundo, está implícito na sua sentença - *mas para um homem basta que ele tenha os cinco membros retos*² [droits].

Tais expressões nem sempre são perfeitamente traduzíveis, e sou muitas vezes obrigado a fazer uma transposição completa, isto é, a recriar a palavra em francês. Aí seria necessário empregar o termo *totalmente rijo* [tout raid]. A palavra *droit* não é de uso corrente, tão pouco corrente quanto o é em alemão. É preciso que Freud faça uma [analogia]³ entre os quatro membros e os cinco membros, apenas para explicar a gênese da coisa que dá, contudo, a tendência um tanto libertina que não é duvidosa.

O que Freud, em todo caso, nos mostra, é que a palavra não atinge tão diretamente o alvo nem em alemão nem em francês, onde é traduzida por cinco membros *droits*, e que, por outro lado, dá isso por textual que o contexto exclui que a mulher se revele tão crua. É realmente um lapso, mas vocês vêem como isso se assemelha a uma *palavra espirituosa*.

Logo, vemos que isto pode ser uma *palavra espirituosa*, isto pode ser um lapso, diria até mais: isso pode ser, pura e simplesmente, uma tolice, uma ingenuidade lingüística. Afinal, quando qualifico isso no meu paciente, que era um homem particularmente simpático, nele realmente não era um lapso, para ele a palavra *maritablement* fazia inteiramente parte, para ele, de seu léxico; ele não pensava de modo algum em dizer algo de extraordinário. Há pessoas assim, que passeiam pela vida, pessoas que ocupam altos cargos, e que deixam escapar palavras desse tipo. Um famoso produtor de cinema, ao que parece, produzia quilômetros delas, o dia todo. Dizia, por exemplo, ao concluir algumas de suas sentenças imperiosas: *et puis c'est comme ça, c'est signé qua non*, isto é: *é assim, é assinada não*⁴.

Não era lapso, era simplesmente um fato de ignorância e de tolice.

Quero apenas mostrar-lhes que convém pararmos um pouco ao nível dessa formação, e já que, em suma, falamos de lapso, o que, dentre tudo isso, nos toca de mais de perto, vejamos um pouco o que se passa ao nível dos lapsos. Da mesma maneira que falamos de *maritablement*, voltemos para o lapso pelo qual passamos diversas vezes, para sublinhar justamente essa função essencial do significante, o lapso, se assim posso dizer, original, na base da teoria freudiana, aquele que re-inaugura *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, após ter sido, de resto, a primeira coisa publicada da primeira edição, que é o esquecimento do nome.

À primeira vista, um esquecimento e as coisas de que acabo de lhes falar não são as mesmas coisas, mas se o que estou explicando tem seu alcance, a saber, se é realmente o mecanismo, o metabolismo do significante que está no princípio e na engrenagem das formações do inconsciente, devemos encontrá-las todas ali, e o que se distingue no exterior deve reencontrar sua unidade no interior. Então, agora, em lugar de termos *familiaria*, temos o contrário, temos alguma coisa que nos falta.

O que nos mostra a análise que faz Freud do esquecimento do nome, do nome próprio, estrangeiro?

² Referência ao ex. trinta e dois do cap. V. A palavra alemã em causa é *gerade*.

³ Falta aqui alguma palavra que poderia ser *distinção* ou *analogia*.

⁴ A frase em francês torna-se homófona à expressão latina *conditio sine qua non*, *condição sem a qual não..* Equivaleria a: *é assim, não se pode mudar.*

13 de novembro de 1957

Temos aí esboços de coisas às quais voltarei e às quais desenvolverei mais tarde, mas devo assinalar, de passagem, a peculiaridade desse caso tal como Freud o apresenta.

O nome próprio é um nome estrangeiro. Lemos *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* assim como lemos o jornal, e sabemos tanta coisa que pensamos que isso não merece que nos detenhamos em coisas que, contudo, foram os passos de Freud. Ora, cada um destes passos merece ser considerado, pois cada um é portador de ensinamentos e é rico em conseqüências.

Eu lhes assinalo, pois, nesse particular - porque teremos de voltar ao assunto - que, a propósito de um nome, e de um nome próprio, nós estamos em nível da mensagem. É alguma coisa cujo alcance teremos de reencontrar posteriormente. Não posso lhes dizer tudo ao mesmo tempo, como os psicanalistas de hoje que são tão sábios que dizem tudo ao mesmo tempo, que falam do *je* e do *moi* como de coisas sem complexidade e que misturam tudo.

O que é importante é que nos detenhamos no que está ocorrendo. Que seja um nome estrangeiro ou um nome próprio, isto faz diferença. É um nome estrangeiro na medida em que seus elementos são estrangeiros à língua de Freud, a saber, que *Signor* não é uma palavra da língua alemã. Mas se Freud o assinala é justamente porque nós nos encontramos numa outra dimensão que a do nome próprio como tal, que se, por assim dizer, se não fosse absolutamente próprio e particular não teria pátria. Todos eles estão mais ou menos ligados a sinais cabalísticos, e Freud ressalta que isso não é desprovido de importância. Ele não nos diz porquê, mas o fato de que ele o isolou num capítulo inicial prova que ele pensa que é um ponto particularmente sensível da realidade que ele aborda.

Há outra coisa que Freud destaca, e imediatamente, e sobre a qual costumamos não nos deter, é o que lhe pareceu digno de registro no esquecimento dos nomes, tanto que ele começa a evocá-los para abordar *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*. É que esse esquecimento não é um esquecimento absoluto, um buraco, uma hiância, é que outra coisa se apresenta em seu lugar, outros nomes. Aí está o que inicia, o que é o começo de toda ciência, isto é, a surpresa. Não poderíamos verdadeiramente nos surpreender senão com aquilo que já começamos a receber um pouco, de outro modo, lá não nos deteremos de forma alguma porque nada vemos. Mas Freud, que conta precisamente com sua experiência de neurótico, vê aí alguma coisa, vê, no fato de que substituições se produzem, que alguma coisa merece que nela nos detenhamos.

Aí é preciso que eu apresse um pouco meu passo e que os faça observar que toda a economia da análise que vai ser feita no tocante a esse esquecimento do nome, a esse lapso no sentido que daríamos à palavra lapso que o nome caiu.

Tudo vai se centrar em torno do que pode ser chamado uma aproximação metonímica. Por quê? Porque o que vai primeiro reaparecer são esses nomes de substituição: *Botticelli*, *Boltraffio*⁵.

Como Freud nos mostra que ele os entende de uma maneira metonímica? Vamos compreender dessa maneira, e é por isso que faço este arroteio pela análise de um esquecimento, é que a presença desses nomes, seu aparecimento em lugar do *Signorelli* esquecido, se situa ao nível de uma formação que tampouco é de substituição, mas de

⁵ No policopiado aparecem Signorelli, Botticelli.

13 de novembro de 1957

combinação. Não há nenhuma relação perceptível na análise que Freud faria do caso entre *Signorelli*, *Boltraffio* e *Botticelli*, a não ser relações indiretas ligadas unicamente a fenômenos de significante. *Botticelli*, diz ele, e vou considerar inicialmente apenas o que ele nos diz - devo dizer que é uma das demonstrações mais claras que Freud já dera de mecanismos de análise de um fenômeno de formação e de deformação ligado ao inconsciente. Isso não deixa nada a desejar em matéria de clareza. Sou obrigado, para a clareza de minha exposição, de lhes apresentar isto de um modo indireto, dizendo: é o que Freud diz. O que Freud diz impõe-se no seu rigor. Em todo caso o que ele diz é dessa ordem – convém saber que *Botticelli* está aí porque é o resto na sua última metade, e *elli* de *Signorelli*, descompletado pelo fato de que o *Signor* é esquecido; *Bo* é o resto, o descompletado de Bósnia Herzegovina, na medida em que o *Herr* é recalcado. O mesmo ocorre para *Boltraffio*, é o mesmo recalque do *Herr* que explica que *Boltraffio* associa o *Bo* de Herzegovina ao Trafoi, que é uma localidade que antecede imediatamente aventuras dessa viagem, aquela onde soube do suicídio de um de seus pacientes por razão de impotência sexual, isto é, o mesmo termo que aquele que evocou na conversação que precedia imediatamente com a pessoa que está no trem entre Ragusa e Herzegovina, e que lhe evoca esses turcos, esses muçulmanos que são pessoas tão simpáticas que quando o médico não conseguiu curá-los dizem: *Herr* [Senhor], *sabemos que você fez todo o possível, mas, contudo*, etc... O *Herr*, com seu peso próprio, o acento significativo, a saber, esse algo que está no limite do dizível, esse *Herr* absoluto que é a morte, essa morte, como diz La Rochefoucauld, *que, como o sol, já não se poderia olhar de frente*, e que, efetivamente, Freud, como muitos outros, não pode mais encarar. Ainda que ela, por um lado, lhe seja presentificada por sua função de médico, por uma certa ligação tão manifestamente presente, por outro lado, ela tem um acento muito pessoal.

Essa ligação, naquele momento, de uma maneira indubitável no texto, justamente entre a morte e alguma coisa que tem uma relação muito estreita com a potência sexual, não está, muito provavelmente, unicamente no objeto, isto é, naquilo que lhe presentifica o suicídio de seu paciente.

Isto vai certamente mais longe. O que quer dizer? Isto quer dizer que tudo o que encontramos são as ruínas metonímicas a propósito de uma pura e simples combinação de significantes: Bósnia, Herzegovina, são as ruínas metonímicas do objeto de que se trata que está por trás dos diferentes elementos particulares que vieram atuar ali, e num passado imediato que está por trás disso, o *Herr* absoluto, a morte. É na medida em que o *Herr* absoluto passa para outro lugar, desaparece, recua, é recalcado, está, para falar claro, *unterdrückt*, que há duas palavras com as quais Freud brinca de uma maneira ambígua. Este *unterdrückt*, já traduzi como *caído nas profundezas* [*tombé dans les dessous*], na medida em que o *er* aqui, ao nível do objeto metonímico, se esgueirou por ali, e por uma razão muito boa, é que ele corria o risco de estar excessivamente presente em decorrência dessas conversações, que como *Ersatz* nós encontramos os fragmentos, as ruínas do objeto metonímico, a saber, esse *Bo* que aparece para se compor com a outra ruína do nome é, naquele momento, recalcado, a saber, *elli*, para não aparecer no outro nome de substituição que é dado.

Isto é o traço, é o indício que temos do nível metonímico que nos permite reencontrar a cadeia do fenômeno no discurso, no que pode ser ainda presentificado nesse ponto em que, na análise, está situado o que nós chamamos de associação livre, na medida em que essa associação livre nos permite seguir a pista do fenômeno inconsciente.

Mas não é só isso, vale registrar que nem o *Signorelli*, nem o *Signor* jamais estiveram lá onde nós encontramos os traços, os fragmentos do objeto metonímico estilhaçado. Posto que é metonímico, ele já está estilhaçado. Tudo o que ocorre na ordem da linguagem, já está

13 de novembro de 1957

sempre consumado. Se o objeto metonímico já se estilhaça tão bem é porque, já na qualidade de objeto metonímico, ele é apenas um fragmento da realidade que representa.

Se o *Signor* não é evocável, se é ele que faz com que Freud não possa reencontrar o nome de *Signorelli*, é que ele está implicado. Ele está envolvido, evidentemente, de uma maneira indireta, uma vez que, para Freud, o *Herr* que foi efetivamente pronunciado num momento particularmente significativo da função que ele pode tomar como *Herr* absoluto, como representante dessa morte que é, nessa oportunidade, *unterdrückt*, é que o *Herr* pode simplesmente se traduzir por *Signor*. É aqui que reencontramos o nível substitutivo, pois a substituição é a articulação, o meio significante onde se instaura o ato da metáfora. Mas isto não significa que a substituição seja a metáfora. Se lhes ensino aqui a proceder, em todos os caminhos, de uma maneira articulada, não é precisamente para que vocês se entreguem o tempo todo a abusos de linguagem. Digo-lhes que a metáfora se produz no nível da substituição. Isso quer dizer que a substituição é uma possibilidade de articulação do significante, e que a metáfora ali se exerce com sua função de criação de significado nesse lugar onde a substituição pode se produzir. São duas coisas diferentes. Da mesma forma a metonímia e a combinação são duas coisas diferentes.

Destaco isso para vocês, de passagem, porque é nessas não-distinções que se introduz o que se chama de abuso de linguagem, que é tipicamente caracterizado por isso: que, no que se pode definir em termos lógico-matemáticos como um conjunto ou um subconjunto, quando há apenas um elemento não se deve confundir o conjunto em questão ou o subconjunto com esse elemento particular.

Isso pode ser útil para as pessoas que fizeram a crítica de minhas histórias [do ano passado]...⁷

Voltemos, pois, ao que ocorre ao nível de *Signor* e de *Herr*. Simplesmente, alguma coisa tão simples como esta é, evidentemente, o que ocorre em toda tradução: a ligação substitutiva de que se trata é uma substituição que se chama de heteronímia. A tradução de um termo numa língua estrangeira no plano do ato substitutivo, na comparação requerida pela existência ao nível do fenômeno da linguagem, de vários sistemas lingüísticos, se chama substituição heterônima.

Vocês vão dizer que essa substituição heterônima não é uma metáfora. Concordo, só preciso de uma coisa, é que ela seja uma substituição. Só faço seguir o que vocês são forçados a admitir lendo o texto. Em outras palavras, quero que vocês tirem de seu saber precisamente isto, que vocês o saibam. Mais do que isto, eu não inovo, tudo isso vocês devem admiti-lo se admitirem o texto de Freud.

Então, se *Signor* está envolvido, é realmente porque há alguma coisa que o liga àquilo cujo fenômeno da decomposição metonímica é um sinal para vocês, no ponto onde ele se produz, e que consiste nisto: que o *Signor* é um substituto do *Herr*.

Não preciso de mais nada para dizer-lhes que se o *Herr* seguiu para lá, o *Signor*, assim como indica a direção das setas, deslocou-se para lá. Não somente deslocou-se para lá, mas podemos admitir, até que eu volte ao assunto, que é lá que ele começa a girar, isto é, que ele é devolvido como uma bola entre o código e a mensagem, que ele gira em círculo no que se

⁶ Suprimida

⁷ ... do ano anterior (Seminário sobre *A carta roubada*).

13 de novembro de 1957

pode chamar - lembrem-se que lhes deixei entrever, há tempo, como possibilidade do mecanismo do esquecimento e também da rememoração analítica - como sendo alguma coisa que devemos conceber como extremamente aparentadas às memórias de uma máquina, do que está na memória de uma máquina, isto é, do que gira em círculo até que isso reapareça, até que se precise disso, e que é forçado a rodar em círculo para constituir uma memória. Não se pode compreender de outro modo a memória de uma máquina, é alguma coisa cuja aplicação encontramos muito curiosamente no fato de que, se podemos conceber o *Signor* como girando indefinidamente até que ele seja reencontrado entre o código e a mensagem, vocês vêem ali ao mesmo tempo a nuance que podemos estabelecer entre o *unterdrückt* de um lado, e o *Verdrängt* do outro, pois se o *unterdrückt* aqui só precisa ser feito uma vez por todas e em condições às quais o ser não pode decair, isto é, ao nível de sua condição mortal; por outro lado, está claro que é de outra coisa que se trata, isto é, que se isso é mantido no circuito sem poder entrar nele durante certo tempo, é bem preciso que admitamos o que Freud admite, a existência de uma força especial que o contém, e que o mantém, isto é, de uma *Verdrängung*-propriamente dita.

No entanto, após haver indicado aonde quero chegar nesse ponto preciso e particular, lhes indico que, embora, com efeito, haja lá apenas substituição, há também metáfora. A cada vez que há substituição, há efeito ou indução metafórica. Não é exatamente a mesma coisa para alguém que é de língua alemã dizer *Signor* ou dizer *Herr*. Diria mais: é totalmente diferente que nossos pacientes que são bilíngües que simplesmente sabem uma língua estrangeira e que tendo, em determinado momento, alguma coisa a dizer, eles digam isto a nós em outra língua. Isto é para eles, podem ter certeza, muito mais cômodo; não é sem razão que um paciente passa de um registro para outro. Se ele é verdadeiramente poliglota isto faz sentido; se ele conhece imperfeitamente a língua à qual ele se refere, isto naturalmente não tem o mesmo sentido; se ele é bilíngüe de nascença, isto tampouco tem o mesmo sentido. Mas em todos os casos, isto tem um sentido, e, em todo caso, aqui, provisoriamente, na substituição de *Signor* por *Herr* não havia metáfora, mas simplesmente substituição heterônima.

Volto ao assunto para dizer-lhes que nessa oportunidade *Signor*, ao contrário, para todo o contexto ao qual ele se prende, a saber, *Signorelli*, isto é, precisamente o afresco de *Orvieta* vale dizer que, como o próprio Freud disse, a evocação das coisas últimas historicamente representa a mais bela das elaborações que existe desta realidade impossível a enfrentar que é a morte. É muito precisamente nos contando mil ficções – tomando ficção aqui no sentido mais verídico - sobre o assunto dos fins últimos que nós metaforizamos, que nós amansamos, que nós fazemos entrar nessa linguagem esta confrontação à morte.

Portanto, fica bem claro que o *Signor*, aqui, na medida em que está ligado ao contexto de *Signorelli*, é esse algo que representa bem uma metáfora.

Eis, pois, aonde chegamos. Chegamos a isto: que nós nos aproximamos de alguma coisa que nos permite reaplicar, ponto por ponto, já que encontramos para eles um tópico comum, o fenômeno do *Witz*. A produção positiva do *familiário* no ponto em que se produziu, é um fenômeno de lapso, de buraco. Poderia citar outro caso e fazer novamente a demonstração; poderia lhes dar como tarefa referir-se ao exemplo seguinte dado por Freud a propósito da sentença latina evocada por um de seus interlocutores: *Exoriare ex nostris ossibus ultor*. Arrumando um pouco as palavras, pois o *ex* está entre *nostris* e *ossibus*, e

13 de novembro de 1957

deixando cair a segunda palavra indispensável à escansão, *aliquis*, é a razão pela qual ele não pode fazer aparecer *aliquis*⁸.

Vocês só poderiam realmente entendê-los reportando-o à mesma grade⁹, a essa mesma ossatura, com seus dois níveis: seu nível combinatório com esse ponto escolhido, onde se produz o objeto metonímico como tal, e, ao nível substitutivo, com esse ponto escolhido onde ele se produz no encontro das duas cadeias do discurso de um lado, e, de outro, da cadeia significante em estado puro, ao nível elementar que constitui a mensagem.

Já vimos que o *Signor* está recalcado aqui no circuito mensagem-código, o *Herr* está *unterdrückt* ao nível do discurso, pois é o discurso que precedeu, que captou esse *Herr*, e o que vocês voltam a encontrar, o que lhes permite retomar os traços do significante perdido são as manhas [*ruses*]¹⁰ metonímicas do objeto.

Eis o que revela a análise do exemplo do esquecimento do nome em Freud. Daí em diante vai nos aparecer mais claramente o que podemos pensar do *familiarário*

O *familiarário* é alguma coisa que, já vimos, em si mesmo tem alguma coisa de ambíguo e totalmente da mesma ordem da produção de um sintoma. Se ele for transferível, capaz de ser sobreposto ao que ocorre na economia significante da produção de um sintoma de linguagem, o esquecimento de um nome, devemos encontrar ao seu nível o que completa, o que dei a entender há pouco de sua dupla função, sua função de mirada oblíqua do sentido, sua função neológica transtornante, perturbadora, relativamente a alguma coisa que se pode chamar de dissolução do objeto, a saber, não mais: *de me admitiu ao seu lado como um igual, de uma maneira completamente familiarária*, mas essa alguma coisa de onde surge o que vamos chamar de *familiarário* na medida em que, personagem fantástica e insignificante, ele aparenta-se a uma dessas criações como uma certa poesia fantástica que nos permite imaginar alguma coisa de intermediário entre o *louxo-milionário* [*foi-millionaire*] e a centopéia [*mille-pates*], que seria, porém, também uma espécie de tipo humano tal como se imagina, que passam, vivem e crescem nos interstícios das coisas, *melkosam* [sic]¹¹ ou alguma coisa análoga, mas, mesmo sem ir tão longe, passar na linguagem à maneira como, desde algum tempo, uma *respetosa* quer dizer uma puta.

Esses tipos de criação são alguma coisa que tem seu valor próprio ao introduzir alguma coisa até então inexplorada. Fazem surgir esse algo que poderíamos chamar de ser verbal, mas um ser verbal pode muito bem ser simplesmente um ser que tende cada vez mais a se encarnar. Então o *familiarário* é alguma coisa que desempenha, parece-me, ou desempenhou, muitos papéis, não apenas na imaginação dos poetas, mas na história. Não é preciso lhes evocar que muitas coisas iriam se aproximar ainda mais que esse *familiarário*

Gide em *Prometeu mal acorrentado* faz girar toda sua história em torno deste que não é verdadeiramente o deus, mas a máquina, o banqueiro, Zeus, que ele chama de o *Milionário* [*Millionnaire*], com o que lhes mostrarei em Freud qual é a função essencial na criação da

⁸ Freud, S.: *A Psicopatologia da Vida Cotidiana*, Cap. II.

Vergílio: *Eneida*, Livro IV, verso 623: “*Exoriar(e) aliquis nostris ex ossibus ultor!*”

“Há de nascer-me dos ossos alguém que possa vingar-me!”

⁹ *Grille* quadrinhos, tipo palavras cruzadas ou mensagens cifradas.

¹⁰ ...les ruines.

¹¹ *Melkosam*

13 de novembro de 1957

palavra espirituosa. Sem que se saiba se o *Milionário* de Gide deva ser pronunciado à italiana ou à francesa, penso, pessoalmente, que ele deve ser pronunciado à italiana.

Em suma, se nós nos debruçamos sobre *familiáriq* vemos neste caso, na direção que lhes indico, que não está alcançada no nível do texto de Heine naquele momento, que Heine não lhe dá absolutamente sua liberdade, sua independência no estado de substantivo. Se, mesmo há pouco, eu o traduzi por *totalmente familiarmente* foi mesmo para lhes indicar que ficamos ali no nível do advérbio, já que se pode mesmo brincar com as palavras, solicitar a língua na maneira de ser, e, cortando as coisas entre os dois vocês vêem toda a diferença que existe entre a maneira de ser e o que eu estava lhes indicando como direção, a saber, uma maneira de ser. Nós não fomos até lá, mas vocês vêem que os dois são contínuos. Heine permanece ao nível da maneira de ser, e ele mesmo cuidou, ao traduzir seu próprio termo, de traduzi-lo justamente, não de uma maneira totalmente *familiária*, mas como o fiz há pouco, totalmente *familiarmente*.

O que *totalmente familiarmente* sustenta? Alguma coisa que, sem que cheguemos de modo algum a esse ser de poesia, alguma coisa de extraordinariamente rica, formigante, pululando ao modo como exatamente as coisas ocorrem ao nível da decomposição metonímica. Aqui a criação de Heinrich Heine merece ser recolocada em suas próprias palavras, no texto das termas de Lucca, no texto dessa familiaridade efetiva na qual vive Hirsch Hyacinthe com o Barão Cristóforo di Gumpelino, que se tornou homem muito da moda que se derrama em todo tipo de cortesias e atenções junto às belas damas, e à qual se acrescenta a familiaridade fabulosa, surpreendente de Hirsch Hyacinthe agarrado a suas calças. A função de parasita, de servidor, de menino de recados dessa personagem, evoca para nós, de repente, uma outra decomposição possível da palavra *familiáriq* sem contar que, por trás, não quero fazer alusão à função lamentável e comovedora das mulheres na vida desse banqueiro caricatural com que nos sai Heine nessa ocasião, mas com toda certeza ao lado esfomeante de sucesso, a fome que não é mais a *auri sacra fames*, mas a fome de satisfazer alguma coisa que até esse momento de ascensão às mais altas esferas da vida lhe tem sido recusado.

Isto nos permitiria traçar ainda, de outra maneira, a decomposição possível, a significação possível dessa palavra *fãtuo-milionário* [*fãt-millionair*]. O *fãtuo-milionário* é ao mesmo tempo Hirsch Hyacinthe e o barão Cristóforo di Gumpelino. E é bem outra coisa, porque, por trás disso, há todas as relações da vida de Heinrich Heine, e também suas relações com os Rothschilds, singularmente *familiárias*.

O importante é que vocês vejam na própria *palavra espirituosa* essas duas vertentes da criação metafórica em um sentido, no sentido do sentido, no sentido em que essa palavra exprime, comove, é rica de significação psicológica, e, o momento toca o ponto sensível, e nos prende, por seu talento, no limite da criação poética, e, como, por outro lado, numa espécie de reverso que não é forçosa e imediatamente percebido, a palavra pela virtude de combinações que poderíamos desenvolver aqui indefinidamente, formiga de tudo o que em torno de um objeto pulula de necessidades nessa ocasião.

Fiz alusão a *fames*¹². Haveria também *fama*¹³, a saber, a necessidade de brilho e de renome que pressiona a personagem do patrão de Hirsch Hyacinthe. Haveria também a *infâmia*

¹² *Fames, famis* fome, em latim.

¹³ *Fama, fame* lenda, tradição, em latim.

fama popularis opinião pública; boa ou má fama, reputação; glória, renome; infâmia.

13 de novembro de 1957

profunda dessa familiaridade servil que culmina na cena dessas termas de Lucca, no fato de que Hirsch Hyacinthe dá precisamente a seu patrão uma dessas purgas cujo segredo ele conhece, e que ele mergulha nas dores da cólica no momento preciso em que finalmente ele recebe o bilhete da mulher amada, que lhe permitiria, em outra circunstância, chegar ao cúmulo dos seus anseios.

Essa enorme cena de bufonaria dá, por assim dizer, o lado secreto dessa familiaridade *infame*; e é alguma coisa que dá verdadeiramente seu peso, seu sentido, suas ligações, seu anverso e reverso, seu lado metafórico e seu lado metonímico, a essa formação da *palavra espirituosa*, e que, contudo, não é a essência dele, porque agora que vimos suas duas faces, as causas e as conseqüências, a criação de sentido de *familiaritário* que implica também numa depreciação, é alguma coisa que é recalcada. É, forçosamente, alguma coisa que está do lado de Heinrich Heine, alguma coisa que vai se colocar, como o *Signor* de ainda agora, a rodar entre o *código* e a *mensagem*. Quando, por outro lado, temos também do lado da coisa metonímica todas essas quedas de sentido que são todas elas faíscas, todos os respingos que ocorrem em torno da criação da palavra *familiaritário*, e que constituem sua irradiação, seu peso, o que é essência para nós do valor literário, assim mesmo a única coisa que importa é o centro do fenômeno, a saber, o que se produz ao nível da criação significativa, que faz com que isso seja justamente um *dito espirituoso* e não simplesmente tudo o que está lá, que se produz ao redor, que nos coloca na pista de sua função considerada como centro de gravidade de todo esse fenômeno, que o que faz seu acento e seu peso deve ser procurado no próprio centro do fenômeno, isto é, ao nível da conjunção dos significantes, por um lado; por outro lado, já indiquei para vocês, ao nível da sanção que é dada pelo Outro a esta criação propriamente dita, por isto é que o Outro é que dá a esta criação significativa valor de significante em si mesma, valor de significante em relação ao fenômeno da criação significativa.

É nisto que reside a distinção do *dito espirituoso* em relação ao que é puro e simples fenômeno, relação de sintoma, por exemplo; é na passagem para a função segunda que se aloja o *dito espirituoso* propriamente dito. Mas, por outro lado, se não houvesse tudo aquilo que acabo de lhes dizer hoje, isto é, o que ocorre ao nível da conjunção significativa que é seu fenômeno essencial, e do que ela desenvolve como tal, na medida em que participa das dimensões essenciais do significante, a saber, a metáfora e a metonímia, não haveria nenhuma sanção possível, nenhuma distinção possível do *dito espirituoso*. Por exemplo, em relação ao cômico, não haveria nenhuma distinção possível; ou em relação ao gracejo, ou em relação a um fenômeno bruto de riso.

Para entender de que se trata no *dito espirituoso* considerado como fenômeno de significante, é preciso que nós tenhamos isolado suas faces, suas peculiaridades, suas ligações, suas causas e conseqüências, ao nível do significante, e que o fato de que o S [S de Significante? de Signorelli? Es?], alguma coisa que está no nível tão alto da elaboração significativa, Freud o tenha retido por ver nele um exemplo particular de formações do inconsciente. É o que também nos detém. É também dele que vocês devem começar a entrever a importância quando lhes mostrei nesse particular como ele nos permite avançar de uma maneira rigorosa num fenômeno ele mesmo psicopatológico como tal, a saber, o lapso.

Anexo

BOOZ ENDORMI

Victor Hugo

Booz s'était couché de fatigue accablé;
Il avait tout le jour travaillé dans son aire,
Puis avait fait son lit à sa place ordinaire;
Booz dormait auprès des boisseaux pleins de blé.

Ce vieillard possédait des champs de blés et d'orge,
Il était, quoique riche, à la justice enclin;
Il n'avait pas de fange en l'eau de son moulin,
Il n'avait pas d'enfer dans le feu de sa forge.

Sa barbe était d'argent comme un ruisseau d'avril.
Sa gerbe n'était point avare ni haineuse;
Quand il voyait passer quelque pauvre glaneuse:
- Laissez tomber exprès des épis, disait-il.

Cet homme marchait pur loin des sentiers obliques
Vêtu de probité candide et de lin blanc ;
Et, toujours du côté des pauvres ruisselant,
Ses sacs de grains semblaient des fontaines publiques.

Booz était bon maître et fidèle parent;
Il était généreux, quoiqu'il fût économe;
Les femmes regardaient Booz plus qu'un jeune homme,
Car le jeune homme est beau, mais le vieillard est grand.

Le vieillard, qui revient vers la source première,
Entre aux jours éternels et sort des jours changeants;
Et l'on voit de la flamme aux yeux des jeunes gens,
Mais dans l'oeil du vieillard on voit de la lumière.

• • •

Donc, Booz dans la nuit dormait parmi les siens;
Près des meules, qu'on eût prises pour des décombres,
Les moissonneurs couchés faisaient des groupes sombres
Et ceci se passait dans des temps très anciens.

Les tribus d'Israël avaient pour chef un juge;
La terre, où l'homme errait sous la tente, inquiet
Des empreintes de pieds de géant qu'il voyait,
Était mouillée encor et molle du déluge.

• • •

Comme dormait Jacob, comme dormait Judith,
Booz, les yeux fermés, gisait sous la feuillée.
Or, la porte du ciel s'étant entre-bâillée
Au-dessus de sa tête, un songe en descendit.

Et ce songe était tel, que Booz vit un chêne
Qui, sorti de son ventre, allait jusqu'au ciel bleu;
Une race y montait comme une longue chaîne;
Un roi chantait en bas, en haut mourait un dieu.

Et Booz murmurait avec la voix de l'âme:
« Comment se pourrait-il que de moi ceci vînt?
Le chiffre de mes ans a passé quatre-vingt,
Et je n'ai pas de fils, et je n'ai plus de femme.

« Voilà longtemps que celle avec qui j'ai dormi,
O Seigneur ! a quitté ma couche pour la vôtre ;
Et nous sommes encor tout mêlés l'un à l'autre,
Elle a demi vivante et moi mort à demi.

« Une race naîtrait de moi ! Comment le croire?
Comment se pourrait-il que j'eusse des enfants?
Quand on est jeune, on a des matins triomphants,
Le jour sort de la nuit comme d'une victoire ;

« Mais, vieux, on tremble ainsi qu'à l'hiver le bouleau.
Je suis veuf, je suis seul, et sur moi le soir tombe,
Et je courbe, ô mon Dieu ! mon âme vers la tombe,
Comme un boeuf ayant soif penche son front vers l'eau.»

Ainsi parlait Booz dans le rêve et l'extase,
Tournant vers Dieu ses yeux par le sommeil noyés;
Le cèdre ne sent pas une rose à sa base,
Et lui ne sentait pas une femme à ses pieds.

• • •

Pendant qu'il sommeillait, Ruth, une moabite,
S'était couchée aux pieds de Booz, le sein nu,
Espérant on ne sait quel rayon inconnu,
Quand viendrait du réveil la lumière subite.

Booz ne savait point qu'une femme était là,
Et Ruth ne savait point ce que Dieu voulait d'elle,
Un frais parfum sortait des touffes d'asphodèle;
Les souffles de la nuit flottaient sur Galgala.

L'ombre était nuptiale, auguste et solennelle;
Les anges y volaient sans doute obscurément,
Car on voyait passer dans la nuit, par moment,
Quelque chose de bleu qui paraissait une aile.

La respiration de Booz qui dormait,
Se mêlait au bruit sourd des ruisseaux sur la mousse.
On était dans le mois où la nature est douce,
Les collines ayant des lys sur leur sommet.

Ruth songeait et Booz dormait; l'herbe était noire;
Les grelots des troupeaux palpitaient vaguement;
Une immense bonté tombait du firmament;
C'était l'heure tranquille où les lions vont boire.

Tout reposait dans Ur et dans Jérimadeth;
Les astres émaillaient le ciel profond et sombre;
Le croissant fin et clair parmi ces fleurs de l'ombre
Brillait à l'occident, et Ruth se demandait,

Immobile, ouvrant l'oeil à moitié sous ses voiles,
Quel dieu, quel moissonneur de l'éternel été
Avait, en s'en allant, négligemment jeté
Cette faucille d'or dans le champ des étoiles.

• • •

BOOZ ADORMECIDO

Booz deitara-se muito cansado;
Trabalhara o dia todo na lida campal.
Depois preparou seu leito no lugar habitual.
Booz dormia junto às jarras de trigo ceifado.

Esse ancião possuía campos de trigo e cevada.
Era, apesar de rico, à justiça inclinado;
O moinho de sua água não era enlameado,
Não havia inferno no fogo de sua forjada.

Sua barba, como pequeno rio de abril, prateava.
Seu feixe não era avaro nem odiento.
Quando via passar algum pobre ao desalento:

- Deixem cair algumas espigas, ordenava.

Homem probo, longe de desviar-se, caminhava
De probidade cândida e de linho branco vestido,
Sempre do lado dos pobres, o grão vertido
Tal qual fonte pública, não se esgotava.

Bom senhor e parente fiel era Booz;
Ecônomo, porém generoso;
As mulheres o olhavam mais que a um jovem garboso,
Pois um jovem é belo, mas o ancião grandeza traz.

O ancião, à origem primeva retorna,
Entra nos dias perenes, sai dos dias mutáveis ;
E se nos olhos dos jovens fogo vê,
Nos olhos do velho a luz os contorna.

• • •

Na noite profunda, em meio aos seus, dormia, pois, Booz
 Junto às moageiras que se confundem com escombros,
 Os colhedores, deitados, formavam grupos sombros.
 E isso se passava em tempos muito para trás.

As tribos de Israel tinham por chefe um juiz.
 A terra, onde o homem errava sob tendas, preocupados
 Pelos vestígios de gigantes avistados,
 Ainda molhada e mole do dilúvio reluz.

• • •

Como dormia Jacob, Judith também dormia,
 Booz, os olhos fechados, sob a folhagem jazia.
 Enquanto isso uma porta no céu entreabria,
 E sobre sua cabeça um sonho dali descia.

E um carvalho Booz viu sonhado
 Saindo do seu ventre até o céu se ia.
 Uma raça aí subiu como elo encadeado.
 Embaixo um rei cantava, no alto um deus morria.

E com a voz da alma murmurava Booz:
 « Como poderia de mim ser isto originário
 Se em anos sou octogenário ?
 Filhos não tenho, e mulher já não tenho mais.

« Há muito aquela com quem dormi,
 O meu leito pelo vosso deixou, ó Senhor !
 E ainda misturados um com o outro guardo o penhor;
 Eu meio morto, enquanto ela meio viva ainda vi.

« Como crer que de mim uma raça nasceria ?
 Como crianças poderia haver ?
 Se jovem, triunfantes manhãs se pode ter,
 Da noite, como de uma vitória, vem o dia;

« Mas, velho, como a bétula no inverno tremulando.
 Viúvo, só, sobre mim a noite caíndo,
 E me curvando, ó meu Deus! Como minh'alma ao túmulo se dirigindo,
 Como um boi sedento sua cabeça para a água inclinando.»

Assim, no sonho e no êxtase, Booz dizia.
 Afogados pelo sono, seus olhos para Deus a voltar,
 E como o cedro uma rosa no seu pé não percebia,
 Ele não sentia a seus pés uma mulher roçar.

• • •

Enquanto dormia Booz, Ruth, uma moabita,
 Nú o seio, a seus pés se deitava.
 Não se sabe que raio desconhecido esperava
 Que viria do despertar a súbita luz que habita.

Booz não sabia que uma mulher ali estava,
E o que Deus queria dela Ruth tampouco sabia.
Um perfume fresco dos cachos de asfódelo saía,
O sopro da noite sobre Galgala flutuava.

O clima era agosto, solene e nupcial;
Os anjos, sem dúvida, bruxuliantemente, a voar,
Pois, de vez em quando, na noite se via passar,
Algo de azul parecendo uma asa angelical.

A respiração de Booz dormindo
Ao som surdo dos riachos no musgo se misturava,
Estávamos no mês em que a natureza amenizava,
Tendo as colinas lírios em seu cume subindo.

Ruth sonhava, Booz dormia, a erva a enegrecer.
Os chocalhos dos rebanhos palpitando vagamente.
Do firmamento, uma bondade caía, imensamente...
Era a hora tranquila em que os leões vão beber.

Em Ur e em Jérimadeth tudo repousava,
No céu profundo e sombrio os astros pontilhavam.
O filete de lua, claro, em meio às flores celestes que sombreavam,
Brilhava a ocidente, e Ruth se perguntava

Imóvel, entreabrindo os olhos sob seus véus,
Qual deus, do verão eterno, qual ceifador,
Negligentemente, jogado havia, error,
Esta foice de ouro no campo das estrelas nos céus.